



## CASAS EM CRISTO: OUSAR O EVANGELHO E CRESCER NA FÉ

### **Painel II – “Crescer na Fé”**

#### ***Leigos na Igreja e Vaticano II***

##### ***1. Deus mora onde O deixamos entrar***

Pedem-me para falar dos Leigos na Igreja e Vaticano II: Identidade e transmissão da Fé.

Inicialmente percebi que me era pedido um testemunho como Conselheiro de Equipas de Nossa Senhora desde há muito - trinta anos já - acrescentando um tom da minha vivência e participação no último Encontro Mundial das ENS, em Brasília.

Verifiquei ao receber o texto definitivo do programa que, sem deixar de ser isso, era bem mais o que esperavam de mim.

Usarei um esquema simples procurando reflectir convosco sobre alguns aspectos que me parecem aflorar hoje à superfície da realidade quotidiana da vida e da missão dos leigos nesta Igreja conciliar.

Começo por fazer uma referência ao último livro do Padre Tolentino: *Nenhum Caminho será Longo, (Edições Paulinas, 2012).*

Nesse Livro a páginas 74 e seguintes, o Padre Tolentino escreve: «*É fundamental entendermos a vida como mistério de visitaçã*». Se isto é assim quando se fala de amigos quanto mais quando se fala de família: de esposos, de pais, de filhos, de irmãos, etc. Permitti-me, por isso, que leia esta bela página e que a ouçamos como quem percorre um caminho de fé. Somos peregrinos da fé. (cf. págs. 74, 75 e 76.)

À pergunta onde mora Deus, o Padre Tolentino responde: «*Deus mora onde o deixamos entrar*».

A fé é sempre uma história de amizade, continua o Padre Tolentino. Assim aconteceu com Abraão: «*Nã*o temas Abraão, Eu sou o teu escudo» (*Gén*



15, 1). Deus visitou Abraão junto do carvalho de Mambré e Abraão diz: «*Meu Senhor se mereci o teu favor não passes adiante sem parar em casa do teu servo*» (Gén 18 1-5).

Assim aconteceu com Moisés. «*O Senhor falava com Moisés, frente a frente, como um amigo fala a seu amigo*» (Ex 33, 9).

Assim aconteceu com Job no meio da sua dor e intrigado com o silêncio de Deus: «*Mostra, Senhor porque me afliges assim?*» (Job 10, 2).

Assim acontece com cada um de nós e com as famílias cristãs que vós sois.

## **2. Do Concílio recordado ao Concílio realizado**

Centremo-nos no tema que me foi proposto. Convido-vos a visitar o Concílio. É para muitos de nós uma peregrinação no tempo e um reencontro com o melhor de nós mesmos, em encanto, entusiasmo e esperança há cinquenta anos vividos. É para outros, que nasceram depois do Concílio, uma experiência de uma imensa descoberta. É para alguns um confronto doloroso entre aquilo que se sonhou para a Igreja e era muito, belo e bom e aquilo que se consegue realizar e concretizar e isso parece-nos sempre menos, distante e demorado.

Recordemos um belo texto da Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, Gaudium et Spes, n.º 43: *“a ruptura entre a fé que professam e o comportamento quotidiano de muitos deve ser contado entre os maiores erros do nosso tempo...O cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com Deus...As actividades seculares competem como próprias, embora não exclusivamente, aos leigos... Dos sacerdotes esperem os leigos a luz e a força espiritual. Mas não pensem que os seus pastores estão sempre de tal modo preparados que tenham uma solução pronta para cada problema, mesmo grave, que surja... Cabe aos leigos assumir as suas responsabilidades sob a orientação da sabedoria cristã e atendo-se à autoridade do magistério da Igreja... Procurem guiar-se mutuamente, num diálogo sincero, num espírito de caridade recíproca e, antes de mais, com uma genuína preocupação pelo bem comum” (GS 43).*



A identidade e missão dos cristãos brotam do baptismo e as exigências do baptismo impeliram os cristãos a aplicar a sua fé e os seus valores à vida quotidiana.

Ao longo do século XX, mesmo antes do Concílio, surgiram muitos movimentos interligados que procuraram cada um ao seu modo promover um papel mais construtivo para os leigos na vida e na missão da Igreja. Assim se compreendem, neste contexto, as ENS.

Com o Concílio, a influência destes movimentos laicais, acompanhados da teologia do laicado que estava a ser produzida por teólogos de renome, como Yves Congar ou Dominique Chenu, garantiu que a Assembleia Conciliar colocasse os leigos na linha da frente das suas deliberações.

Procurando uma teologia construtiva do laicado, o Concílio centrou-se no carácter secular do mesmo, ou seja, na sua inserção e imersão no mundo mediante o trabalho, a família e a cidadania. *“ Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus, procurando transfigurar o mundo com o espírito das bem-aventuranças (LG 31).*

Esta vocação secular é desenvolvida da mesma forma no Decreto sobre o Apostolado dos Leigos.

O Concílio exortou assim todos os cristãos a integrar a sua fé na vida quotidiana.

Estamos pois diante de uma Igreja conciliar disponível para dialogar e colaborar com a humanidade, confrontando-se com os maiores desafios de cada época. A responsabilidade de tal colaboração cabe a todos os cristãos, incumbidos de proclamar o Reino de Deus por palavras e por obras. *“Dos sacerdotes esperem os leigos a luz e a força espiritual” ( GS 43).*

Embora o Concílio não tenha procurado dar-nos uma teologia exaustiva do laicado completamente desenvolvida e consistente, deu-nos contributos que colocaram os fundamentos de uma nova era na vida da Igreja.



Importa-nos, também, ver que é a partir desta compreensão da identidade e da missão dos leigos que se compreende tudo quanto no Concílio se refere à família e ao matrimónio cristão. É ainda à *Gaudium et Spes* que regressamos: *“O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela acção salvífica da Igreja, para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e de mãe. (GS 48).*

Veja-se a importância dada pelo Concílio à Família que depois de algumas discordâncias e debates diante daqueles que procuravam uma referência no texto conciliar à Família mais no âmbito dogmático enquanto outros desejavam uma perspectiva mais pastoral, nos revela que o saldo foi o belo capítulo, logo o primeiro da segunda parte sobre *«A dignidade do matrimónio e da família(GS 47-52).*

Em síntese podemos dizer que a partir do Concílio, o Matrimónio cristão era ele próprio visto como uma manifestação da Igreja. Daí chamar a família como *«Igreja doméstica»*. O matrimónio passava a ser visto como uma participação na própria realidade da Igreja, como sinal eficaz da graça de Deus no mundo. Karl Rahner escreveu a este respeito que o amor que une os esposos pelo matrimónio *«é tão constitutivo da Igreja como sustentado por ela»*.

Na *Lumen Gentium* 11, o Concílio reconhece os dons únicos que os casais unidos pelo matrimónio oferecem à vida da Igreja. *«Na família, qual Igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo ser para os filhos os primeiros arautos da fé»(LG 11).* Podemos ler este texto como mais um exemplo da ênfase constante dada pelo Vaticano II ao papel dos leigos da missão na Igreja.

Importa recordar, ainda, a afirmação do Decreto sobre o Apostolado dos Leigos: *«As famílias cristãs, pela coerência de toda a sua vida com o Evangelho e pelo exemplo que mostram do matrimónio cristão, oferecem ao mundo um preciosíssimo testemunho de Cristo...Pode ser oportuno que*



*as famílias se unam, formando associações, para mais facilmente poderem atingir os fins do seu apostolado» (AA 11).*

### **3. Ver por dentro com os olhos do coração**

Muitas vezes vemo-nos, conhecemo-nos e vivemos a partir de fora. Alimentamo-nos das coisas exteriores. Os orientais na sua sabedoria milenar dizem que *«o maior pecado do ser humano é ser insensível à vida que está dentro de nós»*.

Não se pode acreditar a partir de fora, nem tão pouco se poderá ser feliz a partir de fora. Não se pode ser família a partir do exterior. A partir de fora não se pode ensinar ninguém a acreditar como também não se pode ensinar ninguém a alegrar-se, a amar ou a chorar.

Se quiserdes encontrar-vos com Deus, se quiserdes ser verdadeiramente família tens de entrar dentro de ti mesmo. Um crente não é um estranho. É simplesmente alguém que aprendeu a *«saborear a vida por dentro a partir da sua verdadeira fonte»*.

Às ENS pede-se que sejam um espaço, uma escola e um roteiro de espiritualidade conjugal e familiar para cada família e para cada um dos seus membros. Este roteiro de vida, de formação e de atitudes conduz-nos para lá das paredes da casa, das fronteiras do trabalho, das propostas de actividade.

Nas ENS aprende-se e reaprende-se a crer com maior convicção e firmeza, a fortalecer-se no seguimento de Cristo, a rezar e a celebrar a fé e a festa em família, a viver com alegria a fidelidade, a reformular diariamente o testemunho de fé dos pais e a linguagem nova para a transmitirem aos seus filhos.

Nas ENS aqueles que procuram Deus ou que d'Ele andam distantes precisam de encontrar crentes convictos, amigos próximos, abertura de espírito, capacidade de escuta e de diálogo e vontade evangelizadora.

As reuniões serão sempre para as ENS um dos segredos do seu êxito e o eixo central e estruturante do seu carisma fundador.



#### **4. Caminhos de espiritualidade**

Muito haveria a dizer neste âmbito da espiritualidade no campo de vida e de missão da família.

O Santo Padre Bento XVI na Carta Apostólica **Porta da Fé** lembra-nos que a história da Igreja está recheada de belos testemunhos de fé, desde Maria, *«feliz porque acreditou», aos Apóstolos, aos discípulos, aos mártires, aos consagrados, às famílias, à multidão imensa de crentes».*

Assim acontece com as ENS e com o belo testemunho de vida e de fé que nos dão. São estradas percorridas, exemplos encontrados e vivências de fé de todos nós conhecidas.

A espiritualidade preconizada pelo Padre Henri Caffarel para os casais das Equipas de Nossa Senhora exprime-se nessa disposição interior pela qual o ser humano procura para a sua vida um sentido trabalhado pela fé em Jesus Cristo, vivo e ressuscitado, e na Igreja, sacramento de salvação, para a humanidade. Esta espiritualidade dos esposos e da família é construída na procura diária da comunhão pessoal e familiar com Deus.

A espiritualidade cristã é vida segundo o Espírito e forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito. É um caminho de «ascese» e de «cruz» que conduz à alegria, à felicidade da fidelidade, ao dom do amor e à Páscoa.

Como famílias cristãs somos convidados a alimentar e fortalecer a esperança de todos e a partilhar as riquezas que a cada família deu Jesus.

Ruiu o edifício da ideologia do desenvolvimento imparável e do progresso sem fim. Caíram as seguranças efémeras. Mas não se extinguiu a capacidade dos casais serem felizes e de educarem para a verdadeira alegria de acreditar e de fazer felizes os outros.

Nós balançamos muitas vezes entre o egoísmo individualista e o sentido da família e da comunidade. Ainda não se calaram as bem-aventuranças do evangelho, verdadeira proposta de felicidade para as pessoas, para as famílias e para os povos.

#### **5. Ousar o evangelho**



Foi este o tema que nos levou ao Encontro Mundial das ENS, em Brasília, no passado mês de Julho. É esse o tema que, hoje, nos traz a Fátima nestas Jornadas Nacionais das ENS.

Vindes à procura de uma «Palavra fiel e nova», para retomar e descobrir caminhos onde sois chamados a «ousar o evangelho», para «ir além do programado e acolher o inesperado», para interiorizar os momentos mágicos trabalhados por Deus e vividos por tantos irmãos nossos de Portugal e do mundo.

Quereis fazer da vossa vida um livro aberto ao amor de Deus e uma escola de fé transmitida aos vossos filhos.

Todos sabemos que a «ousadia do Evangelho não parte dos anunciadores, mas do coração da fé» ( *cf Carta das ENS, n.º 49/2012*).

Confiemo-nos a Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, Senhora de Fátima, modelo dos crentes e estrela da nova evangelização, para daqui partirmos com belas e novas notícias de Deus e com o desejo assumido de nos deixarmos trabalhar pelo Espírito para sermos cada vez mais comprometidos nas ENS e mais disponíveis para a missão da Igreja.

*Fátima 24 de Novembro de 2012*

*António Francisco dos Santos, bispo de Aveiro*